



Figura 1 – Óleo sobre tela. Maria, Lady Callcott, por Thomas Lawrence (1819)
Fonte: National Portrait Gallery

MARIA DUNDAS, MRS. GRAHAM, OU LADY CALLCOTT, A MULHER QUE REALIZOU UM *GRAND TOUR* NO INÍCIO DO SÉCULO XIX

Professora Mestre Márcia Cristina de O. S. Matheus¹

Nos séculos XVIII e XIX, foram numerosos os projetos de viagens de circu-navegação que tinham o propósito de desbravar, categorizar e catalogar a natureza e os povos oriundos dos novos mundos. O espírito iluminista, com sua orientação enciclopedista, aliado a motivações político-científicas estimularam

muitas dessas viagens. Por servir como referência organizativa, científica e narrativa fundamental para a constituição e equipagem das expedições naturalistas ao longo do século XIX, o naturalista Alexandre von Humboldt foi um dos mais notórios viajantes deste período, (PRATT, 1999, p. 195). Leite (1997) nos chama atenção para o fato de que Humboldt e seu projeto global de descrição física do mundo inspiraram grande

¹ Doutoranda do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ

parte dos viajantes do século XIX. Quanto a isso, Pratt menciona que até mesmo Charles Darwin atribui os rumos que deu a seus estudos à circunstância de ter lido e relido a *Narrativa Pessoal* de Humboldt em sua juventude (PRATT, 1997, p. 196). Acompanhado por Aimé Bonpland, Humboldt chegou à América do Sul em 1799.

Humboldt, porém, nunca esteve em terras brasileiras. Sua entrada em nosso território lhe foi negada pela coroa portuguesa por suspeitarem tratar-se de um espião (LEITE, 1997, p. 165). Esta parca abertura do país a viajantes estrangeiros, entretanto, teve fim com a vinda da família real portuguesa para o Brasil. A transferência da corte, somada à abertura dos portos, fez com que o número de viajantes que realizaram incursões por nosso país aumentasse consideravelmente, especialmente entre os anos 1810 e 1820 (LAGO, 2011)².

Em março de 1816, como consequência dos anseios de D. João de “ilustrar” o Brasil, desembarcou aqui a missão artística francesa, trazendo consigo Debret, Lebreton, Taunay, dentre outros. Em 1817, em comitiva que acompanhava a princesa Leopoldina da Áustria, chegaram Spix, Martius e Thomas Ender (FAUSTO, 2010, p. 127). Em 1821, aportou no Brasil a fragata inglesa *Doris*, trazendo o Comandante Thomas Graham e sua esposa, Maria Graham.

Além desses, muitos outros viajantes atracaram aqui após 1808, por diversos motivos e nas mais variadas circunstâncias. Para o Brasil, vieram naturalistas, pintores, missionários, diplomatas, militares, comerciantes, jornalistas e até mulheres na condição de filhas ou esposas, que embarcavam em longas viagens, a fim de contemplar interesses públicos e privados. Financiadas em sua maioria por governos ou por mecenas, tais expedições deram origem a textos que ganharam espaço no mercado editorial europeu dos séculos XVIII e XIX, e que constituem o que hoje denominamos “literatura de viagem”. É interessante lembrar que, quanto ao continente americano, esse gênero surge com os textos dos primeiros cronistas, como Colombo e Caminha.

Quanto aos usos deste gênero textual, Lisboa comenta que, nos séculos XVIII e XIX, a literatura de viagem servia a propósitos que variavam desde documentar acontecimentos e descrever povos, plantas e

2 Não há numeração de páginas no artigo. Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/questoes-manuscritas/geral/o-miseravel-rio-de-janeiro-de-maria-graham>. Acesso em 04 de junho de 2019.

animais do Novo Mundo a prover de instrução e entretenimento às classes letradas europeias.

MULHERES-VIAJANTES

Uma dessas mulheres que viajaram na já mencionada condição de esposa foi Maria Graham. A inglesa chegou ao Brasil em 1821 a bordo do Navio-Escola *HMS Doris*, após já ter visitado outros países, como Índia e Itália. Não obstante, é evidente que, em seus dias, não era comum que mulheres viajassem. As dificuldades da vida marinheira, como piratas, intempéries da natureza, longas jornadas, condições insalubres dos navios, doenças tropicais, entre outros fatores, limitavam a presença feminina em viagens marítimas desta magnitude. Além disso, uma mulher que se aventurasse em uma viagem de navio – no qual a tripulação era quase em sua totalidade composta por homens – transgredia fortemente os padrões sociais de então (LEITE, 1980, p. 153). Viagens poderiam significar para as mulheres da primeira metade do século XIX uma ampliação do espaço social, especialmente se estas decidiam escrever e publicar suas experiências.

Nesse sentido, o primeiro registro da presença de uma mulher em uma viagem de circunavegação data de 1817³. Rose de Freycinet desobedeceu aos regulamentos marítimos do governo francês de então e, trajada como um homem, subiu clandestinamente a bordo de um veleiro para acompanhar o marido em uma viagem de grande porte. Rose de Freycinet narrou suas experiências da viagem em um livro que só foi publicado postumamente, um século após ter sido escrito (LEITE, 1988/1989, p. 152).

Em uma época em que o direito de empunhar a pena era outorgado majoritariamente a homens, a condição de exceção dos relatos produzidos por mulheres era agravada pela circunstância de que poucas possuíam nível de instrução satisfatório no Oitocentos para produzir um diário de viagem. Ainda assim, as que escreviam reportavam sua sujeição a diversas limitações, como, por exemplo, o fato de serem impedidas de abordar certos assuntos. Os diários e os romances

3 Esta informação encontrada em Leite (1988/1989) diverge do que consta em *Voyage autour du monde par la frégate la Boudese et la flûte l'Étoile, em 1766, 1767, 1768 & 1769*, obra na qual Louis Antoine de Bougainville relata os acontecimentos da expedição liderada por ele. Seguindo o viajante francês, sua expedição teria sido a primeira a incluir uma mulher, Jeanne Baré, empregada do naturalista Philibert Commerçon (BOUGAINVILLE, 1771, p.253). Agradeço especialmente ao CMG William pela referência certa ao relato de Bougainville.

epistolares eram recomendados às mulheres, mesmo quando tais gêneros se mostrassem inadequados, como no caso da botânica e prima de Pedro I, Therese von Bayern. Quando esta quis publicar uma obra de cunho científico, foi aconselhada, ainda assim, a seguir o formato de diário pessoal (LEITE, 1988/ 1989, p. 151).

Consequentemente, o número de mulheres viajantes que publicaram suas experiências no século XIX era substancialmente menor do que o de homens. Dentre os 150 viajantes no Brasil levantados na pesquisa documental realizada por Leite em 1980, apenas 17 foram mulheres, cujos escritos se resumiram, em sua maioria, a cartas e diários sem pretensões de publicação (LEITE, 1980, p. 143–144). São cinco as mulheres que passaram pelo Brasil entre 1800 e 1850 e que publicaram textos sobre suas experiências: Rose de Freycinet (1817–1820), Maria Graham (1821–1824), Langlet Dufresnoy (1837–1839), Baronesa de Langsdorff (1842–1843) e Ida Pfeiffer (1846) (LEITE, 1997, p. 31). Dentre elas, a inglesa Maria Graham tornou-se a mais célebre mulher-viajante a estar no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX.

Citada por Rubens Borba de Moraes como uma “mulher extraordinária” (2010, p.430), Graham – conhecida dentre os britânicos por seu livro infantil *Little Arthur’s History of England* – aqui ganhou fama por associar-se à família real brasileira e por tornar-se amiga íntima da imperatriz Leopoldina.

No portal de vendas de livros amazon.com, encontra-se uma edição inglesa da crônica *Journey of a Voyage to Brazil and Residence There* do ano de 2010⁴. A julgar pela data relativamente recente da edição, podemos observar o quanto os escritos de Maria Graham resistiram ao crivo do tempo e da crítica. Amplamente citada e comentada por historiadores e biógrafos, com obras publicadas antes e depois do diário de viagem sobre o Brasil, Maria Graham e sua produção literária têm sido objeto de estudo de pesquisadores britânicos, norte-americanos, chilenos e brasileiros ao longo de quase dois séculos (AKEL, 2009, p. xi, xii).

Nascida em 1785, filha de um oficial da marinha britânica, Maria Dundas foi separada da mãe ainda pequena por razões que sua biógrafa Akel (2009) afirma não terem sido esclarecidas pela historiografia. Foi educada em um internato e teve pouco contato com o

pai, o Vice-Almirante George Dundas, na infância e juventude (*idem, ibidem*, p. xii). Em 1808, embarcou para Índia na companhia de seu pai e, a bordo do navio, conheceu o tenente Thomas Graham, com quem se casou ao final de 1809.

Em 31 de julho de 1821, a inglesa embarcou para a América do Sul com o já Comandante Graham, a bordo da Fragata *HMS Doris*. Em uma viagem que tinha por objetivo defender os interesses ingleses no contexto político-econômico da América do Sul. Sobre a missão dos tripulantes da Fragata *Doris*, Akel comenta: “Captain Thomas Graham was in charge of HMS Doris, a frigate destined to protect British interests in South America” (*id., ibid.*, p. 82).⁵

Depois de sua estada no Brasil, o casal zarpu para o Chile. No entanto, antes de aportar em Valparaíso, Thomas Graham faleceu. Surpreendentemente, Maria Graham, recusou a oferta da *Royal Navy* para que retornasse à Europa e permaneceu no país por quase um ano, onde estreitou relações com o Almirante Cochran e circulou livremente entre governantes, militares de alta patente e membros da alta sociedade em geral (*id., ibid.*, p. xiii).

Em 1823, Maria Graham retornou ao Brasil e aqui esteve em casa de Sir Thomas Hardy (LACOMBE, 1997, p.12) e, com o auxílio de seu ilustre conterrâneo e de outras pessoas da alta sociedade, pôde oferecer à imperatriz seus serviços de preceptora da futura rainha de Portugal, a princesa Maria da Glória. Foi prontamente aceita pelo imperador e sua esposa e lhe foi concedida uma licença para ir até à Inglaterra, a fim de adquirir livros e preparar-se melhor para sua nova função (*id., ibid.*, p. 13).

Em seguida, a inglesa regressou ao Brasil, onde permaneceu até 1824, quando foi dispensada por Pedro I por intrigas na Corte (*id., ibid.*, p.17).

Em 1827, aos 48 anos, casou-se com o pintor Augustus Wall Callcott, que se tornou *Lord* ao ser ordenado cavaleiro dez anos depois. Em 1842, aos 57 anos, Maria faleceu com sérios problemas de saúde tendo tido uma vida extraordinária. (*id., ibid.*, p. xiv).

Sua trajetória biográfica ímpar para uma mulher de seus dias – com oportunidades de navegar em uma época em que viagens não eram comuns a seu gênero e com acesso à educação em um tempo em que a maioria das

4 <http://www.amazon.com/Grahams-Journal-Voyage-Brazil-writing/dp/1602351872/ref=sr11?s=books&ie=UTF8&qid=1399326973&sr=1-1&keywords=maria+graham>. Acesso em 05 de maio de 2019.

5 Tradução livre: “O Capitão Thomas Graham estava no comando da *HMS Doris*, uma fragata destinada a proteger os interesses britânicos na América do Sul”.

mulheres era iletrada – dota seu relato de singularidades. Maria Graham era tão instruída que tomava parte até mesmo na decisão dos conteúdos a serem ensinados aos aspirantes que tripulavam o navio-escola *Doris*.

Observaremos na passagem seguinte que, ao se valer do pronome *we*, a viajante se coloca como sujeito das ações, inserindo-se no grupo que lidera a instrução dos jovens rapazes:

The books *we* intend our boys to read are:—history, particularly that of Greece, Rome, England, and France; an outline of general history, voyages, and discoveries; some poetry, and general literature, in French and English; Delolme, with the concluding chapter of Blackstone on the history of the law and the constitution of England; and afterwards the first volume of Blackstone, Bacon’s Essays, and Paley. *We* have only three years to work in; and as the business of their life is to learn their profession, including mathematics, algebra, nautical astronomy, theory and practice of seamanship, and duty as officers, with all the technicalities belonging to it,—this is all *we* dare propose (GRAHAM., 1824, p. 91, grifo meu)⁶.

6 “Os livros que desejamos sejam lidos por nossos rapazes são: história, particularmente da Grécia, Roma, Inglaterra e França; um esboço da história geral, viagens e descobertas; alguma poesia; e literatura geral em francês e inglês; Delolme, com o capítulo final de Blackstone sobre a história da lei e da constituição da Inglaterra; depois o primeiro volume de Blackstone, os Ensaios de Bacon, e Paley. Temos somente três anos para trabalhar, e como a tarefa da vida deles é aprender a profissão, incluindo matemática, álgebra, astronomia náutica, teoria e prática de navegação, e deveres dos oficiais, com todos os aperfeiçoamentos técnicos a ela ligados, isto é tudo quanto ousamos propor.” (GRAHAM, 1990, p.119)

Em suma, esta mulher pôde visitar o Brasil por três vezes na década de vinte do século XIX. A despeito do sobrenome que a acompanhou em suas publicações, Maria deixou documentos históricos de valor inestimável para a historiografia brasileira, ainda que muito inexplorados. Suas experiências renderam um relato de dois volumes. O primeiro, o já mencionado *Journal of a Voyage to Brazil*, publicado na Inglaterra e no qual narra suas duas primeiras visitas ao nosso país. Já o relato de sua terceira viagem, no qual descreve sua vida na corte de D. Pedro I e seu cotidiano como preceptora de D. Maria da Glória, encontra-se publicado nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. LXVIII (MORAES, 2010, p.430).

É inegável que o comportamento pouco usual e controverso de Maria tenha gerado críticas severas até mesmo em sua viagem à Índia, onde – segundo sua biógrafa Akel (2009, p. 273) – teve que enfrentar o antagonismo de quase toda a tripulação. Verificamos também, em seu próprio relato, que a inglesa não era benquista pela sociedade lusitana aqui no Brasil, muito provavelmente por sua conduta considerada inadequada para uma mulher viúva e desacompanhada. Maria transcendeu o modelo europeu de feminilidade em diversos aspectos e recebeu, por isso, a devida retaliação de seus contemporâneos.

Foi uma dama que escolheu a aventura, a vida marinheira, a aprendizagem, o intelecto e a erudição dentre todas as outras opções que lhe estavam propostas enquanto mulher. Ainda que por vezes não perdoada e, portanto, ignorada no cânone historiográfico por suas escolhas em vida (*id.*, *ibid*, p.273), deixo aqui um breve resgate da memória de uma Oitocentista que ousou ser apenas “Maria”.

REFERÊNCIAS

- AKEL, Regina. *Maria Graham, A Literary Biography*. New York: Cambria Press, 2009.
- BOUGAINVILLE, Louis Antoine. (1771) *Voyage autour du monde par la frégate la Boudeuse et la flûte l'Étoile, em 1766, 1767, 1768 & 1769*. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=cgciCiW94cUC&printsec=frontcover&output=reader&authuser=0&hl=pt_BR&pg=GBS.PP9. Acesso em 05 de agosto de 2019.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2010.
- GRAHAM, Maria. (1824) *Journal of a Voyage to Brazil and Residence There*. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=HxTj7myVQ0kC&printsec=frontcover&dq=maria+graham+brazil&hl=ptBR&sa=X&ei=vblVUdPhD4u89QSnP4CACg&redir_esc=y#v=onepage&q=maria%20graham%20brazil&f=false. Acesso em 29 de março de 2019.
- _____. *Diário de uma viagem pelo Brasil*. Trad. Américo Jacobina Lacombe. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1990.
- LACOMBE, Américo Jacobina (tradução). *Correspondência entre Maria Graham e a Imperatriz Dona Leopoldina*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- LAGO, Pedro Corrêa do. (2011). “O Miserável Rio de Janeiro de Maria Graham”. Disponível em: <http://revista-piaui.estadao.com.br/blogs/questoes-manuscritas/geral/o-miseravel-rio-de-janeiro-de-maria-graham>. Acesso em 04 de junho de 2019.
- LEITE, Míriam Lifchitz Moreira; MOTT, Maria de Lúcia Barros; APPENZELLER, Bertha Kauffmann. *A Mulher no Rio de Janeiro no Século XIX (Um índice de referências em livros de viajantes estrangeiros)*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.
- LEITE, Míriam Lifchitz Moreira (org). *A Condição Feminina no Rio de Janeiro, século XIX. Antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: EDUSP, 1984.
- _____. Mulheres e Famílias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 143–178, 1988/ 1989.
- _____. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- _____. Mulheres viajantes no século XIX. *Cadernos Pagu*, n. 15, p. 129-143, 2000.
- MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia Brasiliana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2010.
- PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagens e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.